



## Resumo - Relatório Final - PIBIC

### A construção do discurso narrativo por crianças surdas filhas de pais ouvintes

**Discente: Letícia Matos Trindade RA:156260**

**Orientadora: Profª Draª. Ivani Rodrigues Silva**

A criança, sendo ela ouvinte ou surda, tem histórias a contar sobre os momentos vividos em seu cotidiano, ou conteúdos de sua imaginação, isso ocorre a partir do momento em que podem se comunicar, seja por meio da fala, sinais (Libras) ou escrita, e todas essas habilidades fazem parte do universo da linguagem.

O desenvolvimento da narrativa, segundo Perroni (1983), acontece por meio do diálogo entre a criança e o adulto, ou seja, é por meio do diálogo, entre criança e mãe em interação, que a estrutura da narrativa se inicia. Por meio dessa interação o arcabouço da narrativa é aos poucos construído pela díade, possibilitando a constituição das estruturas mínimas do discurso narrativo.

Segundo a autora, essas estruturas inicialmente ocorrem por meio do “relato”, por tematizarem eventos realísticos, surgindo através dos eventos ocorridos e compartilhados entre a criança e o adulto (eventos cotidianos); a seguir, surgiria a “história” que está ligada ao conhecimento do mundo ficcional (histórias de ficção infantil) e, de forma natural, apareceria o “caso”, sendo sua estrutura mista, permitindo à criança fazer uso de colagens e combinações livres entre o mundo real e o mundo ficcional.

Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972) são pioneiros nos estudos sobre a narrativa. Em seus trabalhos, as observações de padrões desde o início da oração até o nível de uma narração simples e completa possibilitaram o estabelecimento de funções referenciais e avaliativas pois, segundo esses autores, a recapitulação da experiência passada exige do narrador um período em que são organizados temporalmente os eventos a serem narrados, além de um empenho na valorização dos fatos narrados, e isso inclui tanto as narrativas de crianças surdas como as narrativas de crianças ouvintes (SILVA, 2003).

A superestrutura básica da narrativa apresentada pelos autores consiste em: resumo, orientação, ação complicadora, resolução, avaliação e coda.

Isto posto, retomamos que o objetivo desta pesquisa foi dar continuidade à pesquisa realizada anteriormente por Mota (2018)<sup>1</sup> no Centro de Reabilitação Prof. Dr. Gabriel de Oliveira da Silva Porto (Cepre/FCM), desta vez analisando-se outros aspectos do discurso narrativo de crianças surdas, a partir das gravações feitas em vídeo de crianças surdas contando histórias.

<sup>1</sup>“O desenvolvimento da linguagem global e aquisição da Libras por meio da narrativa de histórias para crianças surdas: possibilidades e perspectivas”, realizado pela aluna Aline Mota, sob a orientação da Profa. Ivani Rodrigues Silva no ano de 2018.

A ideia foi observar outros aspectos desse material, mapeando características importantes da construção da narrativa por crianças surdas, uma vez que a narrativa é um canal imprescindível para a comunicação entre crianças em seus diversificados ambientes sociais, seja na escola, na família ou em outros locais. Há, além disso, potencial contribuição para o desenvolvimento da L1 e L2 em crianças surdas, uma vez que há, também, escassez de trabalhos científicos sobre esse tema.

Assim, buscou-se observar como a criança surda inicia seus turnos narrativos e como finaliza, além de verificar como realiza o desenvolvimento das sessões narrativas, ou seja, se no discurso narrativo de crianças surdas, há menção aos marcadores conversacionais próprios desse gênero como “era uma vez”, “felizes para sempre”, “acabou a história”, entre outros, e se a continuidade da narrativa é apoiada em termos como “ai”, “então” e “depois”, e correlatos da Libras. Ainda, objetivava-se verificar se as crianças realizam mudanças de códigos no meio de seus discursos.

Na pesquisa atual, crianças (Quadro 1) foram acompanhadas durante dois semestres, sendo eles o 1º e o 2º semestres de 2019. No início do projeto, foi realizada leitura dos prontuários dos sujeitos, além de uma revisão de literatura, constituída de uma pesquisa do arcabouço teórico para a discussão e embasamento do projeto.

**Quadro 1. Perfil das crianças surdas e de seus respectivos familiares.**

<b>Nome (iniciais)</b>	<b>Idade</b>	<b>Diagnóstico</b>	<b>Dados dos pais</b>
C.E.N.A.	6 anos	Perda Auditiva neurossensorial de grau profundo bilateral	Ouvintes e usuários de Libras
K.A.S.B.	6 anos	Perda Auditiva neurossensorial de grau profundo bilateral	Filho de pais surdos e convivência com avó ouvinte

Durante o período do segundo semestre de 2019, foram trabalhados diversos gêneros linguísticos, dentre eles, o gênero narrativo, mantendo o objetivo que é o ensino do Português em conjunto com a Libras.

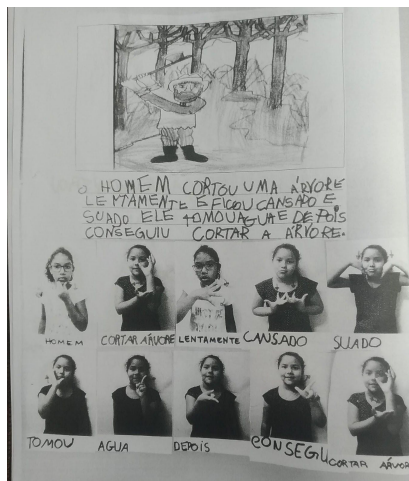
Por essa razão, de outubro a dezembro de 2019, umas das atividades construída junto com o grupo, foi a reescrita da história intitulada “Árvore Surda”<sup>2</sup> (Figura 1).

A atividade consistiu em trabalhar conceitos em Libras e significado das palavras, também em Português, com o intuito de levantamento de conhecimentos prévios para a contação de histórias que seria feita em seguida pela professora surda.

Depois de finalizadas a escrita e a ilustração da história, foi realizado o registro fotográfico dos sinais em Libras das crianças participantes, de modo que os sinais eram correspondentes à frases escritas, e foram colados abaixo delas, constituindo assim um caderno de histórias de cada criança. Após a criação da narrativa, cada criança contou individualmente a história para o grupo. No momento da contação de história, cada criança ficava em pé, de frente para o grupo e mostrava seu livro de história e contava a sua história. A professora ficava ao lado da criança, folheando o livro conforme a criança contava a história, auxiliando-a quando surgiam dúvidas a respeito dos sinais utilizados, assim, a criança seguia a história, observando os textos e sinais do livro.

<sup>2</sup>História reescrita pela Professora Luciana Rosa

**Figura 1. Imagem do livro.**



Os sujeitos usam a Libras como opção individual mas, a todo tempo, aparecem a comunicação oral e gestos durante discurso narrativo, ou seja, as crianças, quando narravam, utilizavam diferentes recursos para seguirem adiante em relação ao processo de contação de histórias. É possível que haja mais de uma Língua em funcionamento, no caso de crianças surdas filhas de pais ouvintes, como trazido por Gesser (2006 apud Kumada, 2012), e que não seja usada somente a Libras, mas também outros recursos, como a Leitura orofacial (LOF), a fala, os gestos naturais, a dramatização e a pantomina.

Para análise da construção da narrativa em relação ao uso dos componentes narrativos, foram utilizados os critérios seguidos por Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972).

As duas crianças apresentam o resumo no início da história, ambos completando todas as sessões narrativas que vieram em seguida.

Em seguida, na orientação, é a sessão onde geralmente é realizada a identificação dos personagens e onde está ocorrendo a ação. De modo geral, elas nomeiam mas não caracterizam os personagens com uso de adjetivos ou de nomes próprios, usando um termo genérico “homem” (com nove ocorrências para ambos os sujeitos), em que se referem ao homem lenhador e protagonista da história. Por outro lado, as crianças nomeiam o personagem que corresponde ao médico, separando o homem (lenhador) e o médico, no momento da complicação.

As produções orais ocorrem em vários momentos durante a narrativa, com maior recorrência na construção da narrativa de K. Além de uma segunda Língua em funcionamento para ambos, a recorrência pode ser maior em virtude da convivência com as famílias predominantemente ouvintes, os estudos de uma segunda Língua e os ouvintes presentes durante as filmagens. Durante a orientação, K. verbaliza a palavra “pela” que, no contexto, foi compreendido como “espera” para a professora, enquanto ela passava para a próxima página.

As onomatopeias ocorrem, em sua maioria, durante a complicação. K. produziu algumas onomatopeias como “papa” e “plá” enquanto fazia o sinal de cortar e queda da árvore; “ah ah”, simbolizando o grito do homem para a árvore; “hummm, hummm”, como se fosse o próprio médico pensando e examinando a árvore, e contextualizando a história, utilizando a estrutura “blá blá blá” para indicar que estava falando com alguém ouvinte que, no caso da história, era o homem ouvinte. A onomatopeia também apareceu na narrativa de C., que usou “pfff” para indicar o barulho que a árvore faz enquanto cai.

**Quadro 6. Produção oral de K.A.S.B.**

<b>Orientação</b>	/HOMEM - CAMINHAR FLORESTA/  /CAMINHO - HOMEM - MACHADO/	“pela” → “espera”
<b>Complicação</b>	/CAMINHO - HOMEM - ENCONTRAR ÁRVORE/ /HOMEM ENCONTRAR - ÁRVORE - DEMORAR - CANSADO/ /HOMEM - CORTAR - DEMORAR - CANSADO - SUADO/ /BEBER - ÁGUA/ DEPOIS - CONSEGUIR/ CORTAR/ /HOMEM - CORTAR - GRITAR/ /ÁRVORE - CAI/	“papa”
<b>Resolução</b>	/GRITAR/ /SILÊNCIO/	“ah ah!”
<b>Avaliação</b>	/HOMEM - CHAMAR - MÉDICO EXAMINAR/ /MÉDICO/ /FALAR/	“ah ah!” “hummm, hummm” “blá blá blá” “hóm” → homem
<b>Coda</b>	/HOMEM/ /FALAR - LIBRAS - ÁRVORE - CAIR/ /FIM/	“hóm” → homem “plá” → árvore caindo

Com a pesquisa, foi possível demonstrar, por meio dos resultados obtidos, como as crianças encadeiam suas histórias e os caminhos que elas trilham para desenvolverem a narrativa de uma história.

O uso dos conectivos não foram trazidos em maior ocorrência por meio da Libras, mas apareceram por meio de outros recursos, com o uso de expressões faciais e movimentos corporais, tornando-se marcadores conversacionais que atravessam as duas Línguas.

A pesquisa observou também a importância do trabalho com a literatura com as crianças surdas, pois ao mesmo tempo que expandem seu conhecimento da própria Língua de Sinais (sua primeira Língua) também começam a ter experiências com a sua segunda Língua (o Português escrito). Além disso, vão construindo o sentido do que está sendo contado em sua Língua, além de perceberem a estrutura canônica de uma narrativa, ou seja, como podem ser o começo, meio e o fim das histórias. De acordo com Lodi (2014), os sujeitos podem olhar para si mesmos como “leitores e produtores de textos também em Português, transformando a relação histórica (negativa) que tem constituído o diálogo que as comunidades surdas têm estabelecido com a Língua Portuguesa.”

Observou-se, também, que foi preciso aproximar as crianças surdas do livro, para isso foi necessário uma sistematização desses passos, por exemplo, como contar as histórias em Libras, como deixar as crianças observarem as figuras do livro, perguntarem sobre as mesmas, olharem as escritas e vincularem com a palavra escrita. As crianças nesse processo realizaram várias atividades relacionadas à história do livro, inclusive a encenação de uma peça com a história do livro.

Todo esse caminho auxilia a criança até o momento em que ela vai adquirindo maior domínio do Português e da Libras, além de contribuir para a construção do arcabouço narrativo.

### Referências Bibliográficas

KUMADA, K. M. O. “**No começo ele não tem Língua nenhuma, ele não fala, ele não tem Libras, né?**”: representações sobre Línguas de sinais caseiras. 2012. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269529>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

LABOV, W. The transformation of experience in narrative syntax. *In*: LABOV, W. **Language in the inner city** – Studies in the Back English Vernacular. Filadélfia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions of personal experience. *In*: HELM, J. (Ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967.

LODI, A. C. B.; BORTOLOTTI, E. C.; CAVALMORETTI, M. J. Z. Letramentos de surdos: práticas sociais de linguagem entre duas Línguas/culturas. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 131-149, jul./dez. 2014. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/19304>>. Acesso em: 03 set. 2020.

MOTA, A. **O desenvolvimento da linguagem global e aquisição da Libras através da narrativas de histórias para crianças surdas**: possibilidades e perspectivas. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

PERRONI, M. C. **Desenvolvimento do discurso narrativo**. 1983. 208 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1983.

SILVA, I. R. Considerações sobre a construção da narrativa pelo aluno surdo. *In*: SILVA, I. R.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. M. (Orgs.). **Cidadania, surdez e linguagem**: desafios e realidades. 2. ed. São Paulo: Plexus, p. 115-146, 2003.